

# Os ciclos de aprendizado de Adapak: o romance de educação na obra *O espadachim de carvão* de Affonso Solano

The Adapak's learning cycles: the education romance in the novel *O espadachim de carvão* by Affonso Solano

Los ciclos de aprendizaje de Adapak: la novela de la educación em *O espadachim de carvão* de Affonso Solano

---

BÁRBARA NASCIMENTO RIBEIRO<sup>1</sup>

FELIPE GONÇALVES FIGUEIRA<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho objetiva análise de *O espadachim de carvão* (2013), de Affonso Solano, indicado para o Ensino Médio pelo PNLD Literário 2018. A proposição de estudo da obra orienta-se no sentido de contribuir às ações de formação de leitores, já que pode haver disponibilidade do romance em muitas das escolas brasileiras. A pesquisa foi desenvolvida a partir da análise do livro, com embasamento teórico nas reflexões apresentadas por Frye (1973), Lukács (2000) e Bakhtin (2003) acerca do conceito de romance de formação. Adota-se a pesquisa bibliográfica como metodologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** O Espadachim de Carvão; romance de formação; formação de leitores.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze *O Espachim de Carvão* (2013), by Affonso Solano, recommended for High School by PNLD 2018. The proposed study of the work is aimed at contributing to reader training actions, as it can there is availability of the novel in many Brazilian schools. The paper was developed from the analysis of the book, having as theoretical basis the reflections presented by Frye (1973), Lukács (2000) and Bakhtin (2003) about the concept of bildungsroman. Bibliographical research is adopted as a methodology.

**KEYWORDS:** O Espadachim de Carvão; bildungsroman; readers' formation.

1. Docente da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes e da rede privada de ensino.

2. Docente do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

**RESUMEN:** Este trabajo tiene como objetivo analizar *O Espachim de Carvão* (2013), de Affonso Solano, recomendado para escuela secundaria por el PNL D 2018. El estudio propuesto de la obra tiene como objetivo contribuir a las acciones de formación lectora, en la medida que haya disponibilidad de la novela en muchas escuelas brasileñas. La investigación se desarrolló a partir del análisis del libro, con base teórica em Frye (1973), Lukács (2000) y Bakhtin (2003) sobre el concepto de novela de formación. Se adopta como metodología la investigación bibliográfica. **PALABRAS CLAVE:** O Espadachim de Carvão; romance de formación; formación de lectores.

#### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em uma era intensamente ligada à tecnologia e à cultura pop, é natural que a literatura seja influenciada por esse contexto de grande circulação de materiais audiovisuais como *games*, vídeos e *podcasts*. Não indiferente a essa característica, temos a obra *O espadachim de carvão* (2013). O referido romance surge em 2013 como fruto do trabalho do escritor Affonso Solano, *podcaster*, *youtuber* e colunista reconhecido pela comunidade *geek*.

O termo *geek* é definido pela pesquisa “Dia do Orgulho *Geek* 2018” (MINDMINERS, 2018, p. 3) como jovens consumidores de diversas mídias. Dentre os resultados apresentados pela pesquisa que analisou o perfil das pessoas consideradas pertencentes ao grupo, observa-se que 58% desse público são jovens que têm entre 16 e 24 anos, faixa etária que abrange os alunos do Ensino Médio. Além disso, os livros de ficção aparecem em terceiro lugar em relação à fonte de aprendizado desse grupo social.

Nesse mesmo ano de 2018, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) apresenta novo mecanismo de distribuição para as escolas públicas de livros literários: o Programa Nacional do Livro Didático Literário 2018. Professores, diretores e coordenadores pedagógicos foram apresentados às informações e às resenhas sobre as obras selecionadas, por meio de edital, como adequadas a cada segmento educacional.

Com o crescente acesso dos jovens aos produtos audiovisuais e às obras literárias provenientes de um contexto em que essas produções se relacionam na internet, a necessidade de inserção desses elementos do cotidiano dos alunos no ambiente escolar e a indicação de *O espadachim de carvão* pelo PNL D Literário 2018, entende-se a importância da reflexão acerca da obra.

Considerando os poucos estudos disponíveis que analisam ou, ao menos, citam *O espadachim de carvão* (AFONSO BARTH, 2016; PALIS, RUFINO, 2016; KNOLSEISEN, 2016; MATANGRANO; TAVARES, 2019), observando, ainda,

o fato de o romance ter sido selecionado e – possivelmente – distribuído para muitas unidades escolares do país, há uma necessidade premente de que as discussões sobre a obra sejam feitas. Pano de fundo dessa necessidade é o compromisso ético do debate acadêmico com o país, a formação de leitores. Não se quer, com isso, dizer que, para que essa obra figure na trajetória de formação leitora, seja necessária antes alguma análise acadêmica. No entanto, os sentidos possíveis de uma obra em determinado contexto e determinado momento histórico estão, também, relacionados à recepção ativa dos leitores que se debruçam sobre suas páginas. Cada análise é uma voz nesse diálogo e é prene de resposta, de alcançar aquele outro sujeito também interessado no romance (BAKHTIN, 2003).

O caminho a ser percorrido por este estudo apresenta como norteadora a pergunta: quais os elementos estéticos formais e de conteúdo podem caracterizar a obra *O espadachim de carvão*? Ao alcançar respostas, mesmo que provisórias, o intento é contribuir para o debate sobre o romance.

A hipótese é de que mesmo esse texto literário contemporâneo – ligado à cultura *geek* e aos meios digitais – tem como referências de construção elementos da tradição literária ocidental, podendo, desse modo, ser analisado a partir de teorias já sedimentadas, como aquelas sobre o romance de formação (FRYE, 1973; LUKÁCS, 2000, BAKHTIN, 2003).

O presente trabalho será assim estruturado: a primeira seção será composta pelas considerações iniciais; em sequência, serão apresentados os conceitos de romance de educação, segundo Lukács (2000); romance de procura, de acordo com Frye (1973) e os tipos de romance de formação consoante Bakhtin (2003), relacionando-os à obra selecionada; seguidos das considerações finais.

Quanto à natureza, esta pesquisa pode ser definida, de acordo com Marília Tozoni-Reis (2009, p. 36), como bibliográfica, visto que sua principal característica é a própria bibliografia sobre o objeto pretendido para investigação ser “[...] o campo onde será feita a coleta dos dados. [...] Na pesquisa bibliográfica, vamos buscar, nos autores e obras selecionados, os dados para a produção do conhecimento pretendido”.

## DO ISOLAMENTO COM OS LIVROS AO CONVÍVIO COM O MUNDO

Na obra *O espadachim de carvão* (2013) vemos narrada, em capítulos alternados entre passado e presente, a aventura do protagonista Adapak no universo em que está inserido: Kurgala. O “jovem de pele cor de carvão” cresceu em uma ilha, em

companhia de seu pai, Enki' Nār, um dos deuses que governam este mundo, até que começa a ser perseguido por criaturas que o querem morto.

Não posso ficar sem dormir, concluiu, ainda sentindo o corpo tremer. Ele sabia que tivera sorte de escapar vivo. [...] Adapak se serviu de mais água, deixando o corpo esfriar. Sentiu a brisa gelada soprar contra a pele absolutamente negra enquanto passava a mão sobre a cabeça calva para enxugar o suor. Seus olhos brancos vislumbraram a lua de Sinanna, brilhando vigilante na madrugada e única testemunha do sangue derramado sob sua luz. Fechou-os por um breve instante e pensou em Enki' Nār e no Lago Sem Ilha. E então chorou compulsivamente. Sentia falta de seu pai e de sua Casa (SOLANO, 2013, p. 17).

Dotado de conhecimento adquirido enquanto vivia isolado, Adapak embarca em uma trajetória permeada por cenas de ação. Descobre nesse interim que as relações sociais na realidade são muito mais complexas se comparadas àquelas que ele tinha acesso por meio de livros e de oferendas deixadas pelos mortais durante seu período de isolamento.

Pedidos, símbolos de gratidão, barganhas. Pequenas cápsulas de esperança deixadas pelo mundo exterior que Adapak nunca visitaria. O que a fauna ao redor do lago não podia consumir, o pai de Adapak ordenava que seus mellat trouxessem para a Casa, para que o rapaz aprendesse por meio deles como os mortais se comportavam (op. cit., p. 20).

Neste sentido, a história do protagonista pode se aproximar bastante daquele mito da caverna platônico: os homens conheciam o mundo através das sombras projetadas ao fundo da caverna e acreditavam que aquelas imagens escuras e sem detalhes eram, em si, a realidade completa do mundo. Embora Adapak tivesse acesso a mais recursos que os sujeitos da narrativa platônica, o acesso exclusivo ao mundo através de textos escritos reduz a realidade à estática da folha impressa.

Após ser forçado a abandonar sua casa, o espadachim começa a sofrer as consequências desse isolamento em situações nas quais estabelece um primeiro contato com as diferentes criaturas as quais antes apenas havia estudado sobre: “[...] Era a primeira vez que Adapak se deparava com aquela espécie ao vivo, mas pelas ilustrações das enciclopédias ele se acostumara a chamá-los ‘cabeças de arco’” (op. cit., p. 21). A questão aponta à dialética entre a teoria e a prática. A teoria é uma construção intelectual sobre a prática, mas não a substitui. A prática é o fazer humano que, sem

uma reflexão, perde a compreensão do próprio fazer. A leitura não substitui a vida. A vida sem a leitura é alijada de múltiplas possibilidades.

Apesar de não se tratar de um ser humano propriamente dito, as ações de Adapak ao longo da história estão relacionadas à experiência subjetiva humana que o autor – Affonso Solano – transforma em objeto estético: romance. Embora a narrativa se passe em um mundo de seres diferentes e acontecimentos maravilhosos, a ação das personagens têm lastro na ação e nos sentimentos humanos corriqueiros. O autor não inventa completamente a dimensão humana das suas personagens, mas transpõe para dentro do romance – em seus parâmetros estéticos específicos – dimensões que encontra no mundo. Assim como nos fala Lukács (1965, p. 57-58), em *Narrar ou descrever?*: “é necessário não esquecer que, na realidade, toda ação – ainda que não revele traços humanos típicos e essenciais – contém sempre nela o esquema abstrato (conquanto deformado e apagado) da *práxis* como um todo”.

A narrativa em essência trata de dimensões humanas em conflito, das (im) possibilidades da vida cotidiana. Trata-se de princípio importante para a análise de obras dessa natureza. É por ser profundamente humana a situação de Adapak que o leitor a compreende e acompanha – apreensivo – o desenrolar da narrativa. É a humanidade da personagem que mobiliza a humanidade do leitor.

A trama da obra é complexificada pelo processo de alternância entre os capítulos que representam o passado e o presente. Levado a conhecer alternadamente a história, o narrador guia o leitor a compor seu intrincado quebra-cabeça, de idas e voltas em torno da construção de um personagem.

Ainda em relação ao gênero estudado neste trabalho, Lukács, em sua obra *A teoria do romance*, apresenta uma categoria de romance denominado de aprendizado ou de educação em que a estrutura da ação e o tipo humano “[...] são condicionados aqui pela necessidade formal de que a reconciliação entre interioridade e mundo seja problemática, mas possível” (LUKÁCS, 2000, p. 138).

A interioridade da personagem no romance de educação está em desalinho com o mundo externo e sua trajetória durante a narrativa seria o processo mesmo de reconciliação entre esses elementos dissonantes. São exemplos desse gênero romanesco, para citar apenas uma obra estrangeira e outra nacional, *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (2006), de Goethe, e *Jubiabá* (s./d), de Jorge Amado.

O autor húngaro esclarece que o romance de educação tem a humanidade como seu ponto central e “[...] requer um equilíbrio entre atividade e contemplação, entre vontade de intervir no mundo e a capacidade receptiva em relação

a ele” (LUKÁCS, 2000, p. 141). É possível perceber esse processo de busca de equilíbrio mencionado por Lukács ao longo da narrativa de Solano, pois a formação de *Adapak* é permeada por não só o recebimento de influências externas que o modificam, mas também o caminho inverso: o reconhecimento de como suas ações também afetam o mundo, reafirmando, assim, o caráter educativo que

[...] consiste no fato de que o advento final do herói a uma solidão resignada não significa um colapso total ou a conspurcação de todos os ideais, mas sim a percepção da discrepância entre interioridade e mundo, uma realização ativa da percepção dessa dualidade: a adaptação à sociedade na resignada aceitação de suas formas de vida e o encerrar-se em si e guarda-se para si da interioridade apenas realizável na alma (LUKÁCS, 2000, p. 142-143).

É nesse sentido que Solano, em entrevista concedida ao canal da editora Leya no YouTube, em 2018, informa que, em sua visão, a história apresenta inúmeras alegorias e, dentre elas, está a que é uma das mais fortes: o jovem ser exposto ao mundo, desprendendo-se da casa dos pais, o que acaba se tornando assustador para quem está em contato direto com o “mundo real” pela primeira vez.

Em um diálogo com Barutir, sacerdote que cuidou de *Adapak* durante seus primeiros ciclos de vida<sup>3</sup>, o espadachim questiona sobre decisões dos pais sobre o destino de seus filhos, obtendo como resposta que

[...] os pais acham que vai ser mais fácil se derem um “empurrãozinho” para que os filhos pensem da mesma maneira que eles... Eles não fazem isso por mal, entende? Quando temos uma filosofia de vida que sentimos que funciona para *nós*, é natural que desejemos o mesmo para alguém que *gostamos*, principalmente nossos filhos. O problema é que em grande parte das vezes, [...] os filhos acabam desenvolvendo uma *barreira* contra aquela filosofia, pois estão sendo forçados a aprendê-la (SOLANO, 2013, p. 53. Grifos no original).

A saída do espadachim de casa seria a representação da ruptura dessa barreira e o ponto de partida para um contato não mediado com o mundo. Aquela interioridade do herói advinda da leitura contemplativa encontra em seu caminho o mundo em seus

3. Na obra de Solano, a passagem do tempo e a idade das criaturas são contabilizadas por ciclos.

movimentos reais, muitas vezes caóticos e aparentemente incompreensíveis. A ruptura e a necessidade de um novo alinhamento são elementos do caminho de Adapak.

Ao mesmo tempo em que Adapak é um ser culto, devido aos conhecimentos adquiridos pela leitura e pela contação de histórias do pai, também é ingênuo, já que cresceu isolado da vida em sociedade. A aventura é permeada de reflexões acerca do convívio social, como é possível perceber no momento da chegada do espadachim à cidade de Urpur, quando uma criatura o convenceu a comprar um brasão do Conselho, afirmando que só assim ele conseguiria ultrapassar os portões:

[...] – A taxa é de 50 escamas. Hesitante, Adapak tirou seu pequeno saco da bolsa, examinando o conteúdo: um pequeno punhado de joias coloridas brilhava entre algumas centenas de moedas. [...] não tinha ideia do valor que as coisas tinham no mundo dos mortais. – Tudo isso? Está certo? – ele perguntou ao sujeito, segurando a quantia na palma da mão. [...] O esuru guardou o dinheiro, lhe entregou o símbolo e seguiu mancando em direção ao final da fila sem olhar para trás. – Sabe, aquele cara te enganou, parceiro, ninguém precisa disso aí para entrar na cidade (SOLANO, 2013, p. 32. Grifos no original).

Esse contraste entre a ingenuidade e a sabedoria é perceptível em diversas passagens, como o momento em que ele tenta dar uma joia ao contrabandista Jarkenum e este acaba confessando a tentativa de enganá-lo.

O espadachim permaneceu calado enquanto o soro da verdade lhe arranhava as veias. Ele guardou a pedra púrpura no saco, olhando com vergonha para aquele símbolo de sua óbvia inocência, exposta com maestria por aquele humano que ele mal conhecia (SOLANO, 2013, p. 95).

Ao perceber que havia atingido Adapak de tal maneira, o humano esbanja um sorriso sarcástico que é abalado após ouvir “– Você tem uma vida muito triste – o espadachim completou. O homem desmanchou a máscara de confiança ao ouvir aquilo e Adapak se sentiu um pouco melhor por atingi-lo daquela maneira imprevista” (*idem*), o que demonstra sua sapiência em processo de adaptação às demandas exteriores, aos conflitos para além da sua ilha de origem, para o encontro real com outros seres.

## A PROCURA EM KURGALA

Northrop Frye, em *Anatomia da crítica* (1973), ao caracterizar a base do romance de procura, exemplifica que

[...] Na bíblia temos um monstro do mar comumente chamado Leviatã, que é descrito como o inimigo do Messias, e que está destinado a ser morto pelo Messias no ‘dia do Senhor’. [...] No Livro do Apocalipse o leviatã, Satanás e a serpente edênica se identificam todos entre si. Essa identificação é a base da metáfora, no simbolismo cristão, na qual o herói é Cristo (amiúde representado, em arte, de pé sobre um monstro prostrado); o dragão, Satanás; o velho rei importante, Adão, cujo filho Cristo se torna, e a noiva salva, a Igreja (FRYE, 1973, p. 188).

Em Kurgala, essa figuração do mar está presente no momento em que *Adapak* entra em uma embarcação com o objetivo de chegar a seu destino: o continente de Larsuria, onde acreditava que poderia buscar por Telalec – instrutor que o ensinou a manusear as espadas e a desenvolver a técnica de luta dos “Círculos Tibaul” – e pedir ajuda. A busca é a base da proposição de Frye. Esse caminho a ser trilhado é a preparação do herói para passar pela provação – o enfrentamento do Leviatã – mostrando o seu valor e a sua verdade.

No capítulo “O Verme do Mar”, durante o trajeto até o continente, há um ataque a essa embarcação e *Adapak* salva a tripulação de seres que “nos livros de fantasia, [...] eram descritos como monstros de feições malignas que sugavam o sangue de marinheiros com línguas compridas que invadiam o convés” (SOLANO, 2013, p. 157). Os encontros do herói com seus inimigos são oportunidades de adequação de sua potência interior com a demanda do mundo externo, em termos que se aproximam da teoria de Lukács.

Nesse ataque, percebem-se os mesmos papéis apresentados por Frye em sua análise da metáfora: *Adapak* como o herói, os próprios vermes do mar, as preces dos marinheiros a Enki’När, a tripulação e sua capitã como aqueles que foram salvos pelo herói. Como Jonas que sobrevive dentro do ventre da baleia, cada encontro é uma oportunidade de expressar as habilidades de *Adapak* e adequar sua interioridade à realidade nova do mundo aberto (LUKÁCS, 2000).

O “jovem de pele de cor de carvão”, por ser diferente de tudo o que os outros haviam visto até então, era tratado com desconfiança pelo restante da tripulação,

situação que se modifica, ao menos na visão de algumas personagens, após o ataque. A provação tem caráter pedagógico não só para o herói, mas aqueles que o cercam percebem a expressão dos valores internos a partir das ações impetradas pela necessidade urgente.

O trecho em que o jovem adentra o corpo da criatura, há algo similar ao que Frye descreve como “[...] se o Messias vai salvar-nos matando o leviatã, ele nos liberta. [...] Se estamos dentro do dragão e o herói vem socorrer-nos, sugere-se a imagem do herói descendo pela goela aberta do monstro” (FRYE, 1973, p. 188).

Ali dentro, o mundo deixou de ser caótico: o som do oceano revoltado e dos gritos apavorados tornou-se um ruído abafado e longínquo, ainda que assustador. Na escuridão úmida e pegajosa, Adapak bateu. *Mais fundo*. Seus dedos finalmente tocaram a protuberância arredondada e ele sorriu. O jovem a agarrou e a puxou com força para fora da cavidade, expondo-a para o ar frio da noite. E então sacou a faca da cintura e a cravou com violência no órgão rosado (SOLANO, 2013, p. 159. Grifos no original).

A experiência assustadora é, para Adapak, um momento em que o “mundo deixou de ser caótico”. O som revoltado do oceano e os gritos longínquos são uma alegoria do momento de interiorização que a personagem vive em paralelo ao fato de estar ele próprio no interior de uma criatura medonha. É da experiência traumática que o herói tira matéria para a construção de uma nova relação com o mundo externo: diante da provação, o herói se revela habilidoso e capaz, sintonizando todo o saber acumulado em teoria em fazer heroico.

Ao arriscar-se e obtendo êxito, Adapak conquista a confiança da capitã, Sirara, que o acompanha e o auxilia graças à defesa contra o monstro e contra alguns tripulantes, posteriormente, em uma tentativa que fizeram de tirá-la de seu posto por julgarem-na incapaz de exercer tal função.

Frye (1973, p. 186) analisa que a base do romance é dialética

[...] tudo se foca num conflito entre o herói e seu inimigo, e todos os valores do leitor ligam-se estreitamente ao herói. Por isso o herói da estória romanesca é análogo ao Messias mítico ou libertador que vem de um mundo superior, e seu inimigo é análogo aos poderes demoníacos de um mundo inferior.

É possível identificar essa relação ao longo da descoberta do responsável pela perseguição que tinha como objetivo causar a morte de *Adapak*. Fato esse que ocorre no último capítulo, intitulado “Deuses”, em que *Telalec* revela acreditar que o espadachim seria um grande mal que causaria o fim de *Kurgala*, por conta da razão de seu nascimento.

*Telalec*, o antigo instrutor, esclarece que o real pai de *Adapak* era *Anu’När*, o deus irmão daquele que o criou, e que o rapaz seria um experimento, a junção de todas as espécies existentes, representando uma ameaça ao mundo. Corroborando com aquilo que o autor canadense afirma: um velho sábio ou mestre é a representação do pai verdadeiro e como “[...] sendo o herói de origem mais misteriosa, sua verdadeira paternidade é frequentemente ocultada, e aparece um falso pai que busca a morte da criança” (FRYE, 1973, p. 196). Assim, conclui-se que, com a revelação do verdadeiro pai, seu antigo instrutor é quem representa o papel daquele que busca a morte do jovem.

No decorrer do embate entre as duas personagens, o inimigo demonstra que os poderes e os conhecimentos que adquiriu podem ser associados aos “poderes demoníacos”, visto que causaram danos à mente daqueles que foram utilizados para perseguir *Adapak*:

[...] Então, sabendo que havia centenas de soldados e mercenários a serviço de *Mashda* nos arredores desta Casa, eu atraí alguns deles até aqui e os transformei em *ferramentas* para minha missão.

– Você os transformou em *escravos* – *Adapak* disse entre os dentes. – Sacrifícios necessários para se atingir um bem muito maior (SOLANO, 2013, p. 248. Grifos no original).

A relação de *Adapak* com o mundo superior também pode ser observada, ao final da batalha, quando aquele manipula os cristais da Casa para curar *Sirara*, que o havia acompanhado, sendo ferida por *Telalec*.

Os cristais da base do pilar se acenderam, banhando os dois de luz e os envolvendo com vibração. *Adapak* não ousou desviar seus olhos dos dela, acompanhando a reação assustada da mulher ao sentir o corte da garganta se fechar como se *Telalec* nunca tivesse lhe feito mal (*op. cit.*, p. 251).

A cena traz também elementos para a ideia de formação de *Adapak*: vencer aquele que por muito tempo foi seu mestre. Sua superação representaria o

aprendizado superior, galgando um nível além das possibilidades primeiras e, portanto, a formação completa do herói.

#### ROMANCE DE FORMAÇÃO E JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

Mikhail Bakhtin também tratou sobre o romance de formação na publicação intitulada *A estética da criação verbal* (2003). A perspectiva de análise do pensador russo é a relação entre “o espaço-tempo e a imagem do homem” (2003, p. 217) para a construção do romance enquanto gênero. Bakhtin aponta à ideia da formação da personagem romanesca colocando, de um lado, a “grandeza constante”, ou seja, personagens que não variam em sua interioridade durante o desenrolar da trama e, de outro, “grandezas variáveis”. As personagens prontas e imutáveis não se dão, por óbvio, à formação, já que se apresentam ao leitor completas naquilo que devem ser. Assim, há também a personagem no romance de formação que:

[...] em contraposição à unidade estatística, aqui se fornece a unidade dinâmica da imagem da personagem. O próprio herói e seu caráter se tornam uma grandeza variável na fórmula desse romance. A mudança do próprio herói ganha *significado de enredo* e em face disso, reassimila-se na raiz e reconstrói-se todo o enredo do romance (BAKHTIN, 2003, p. 220).

Segundo a proposição, partir da interiorização do tempo como processo composicional da própria imagem da personagem que se apresenta ao leitor, constitui-se a formação do herói. Nesse sentido, Bakhtin enumera em cinco os tipos do romance de formação: 1) romance aventureso relacionado ao tempo idílico do tipo cíclico, representando as etapas de vida do herói; 2) “representação do mundo e da vida como experiência, como escola, pela qual todo e qualquer indivíduo deve passar e levar dela o mesmo resultado [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 220); 3) romance de formação do tipo biográfico e autobiográfico; 4) romance didático-pedagógico; 5) último grupo, dito por Bakhtin como o mais importante, é aquele no qual “a formação do homem efetua-se no tempo histórico real, com sua necessidade, com sua plenitude, com seu caráter profundamente cronotópico.” (BAKHTIN, 2003, p. 221).

A obra de Solano é efetivamente do primeiro tipo enumerado por Bakhtin, ou seja: romance aventureso relacionado à suspensão do tempo-espaço comum em favor da reordenação do cronotopo em bases novas. A trajetória de Adapak se revela

enquanto enredo na medida em que “todas as mudanças interiores substanciais no caráter e nas concepções de mundo que no homem se processam com a mudança da idade.” (BAKHTIN, 2003, p. 220). Essa é uma forma que já é conhecida há muito por estudiosos da literatura. Bakhtin cita alguns famosos romances que também podem ser caracterizados assim, no entanto, *O espadachim de carvão* difere dos exemplos por tratar-se de uma obra de literatura destinada desde sua composição ao público juvenil. E, se observarmos um pouco o momento presente, é possível perceber o impacto de romances de formação para os jovens: é o caso das obras de J. K. Rowling e a saga de Harry Potter, por exemplo.

Para Teresa Colomer, em sua obra *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*, a literatura juvenil contemporânea passou por um “enorme impulso inovador para adequar-se às características de seu público atual” (2003, p. 173), público esse “a quem se destinam textos que refletem as mudanças sociológicas e os pressupostos axiológicos e educativos da nossa sociedade” (2003, p. 174). A diferenciação entre as fases da juventude e da maturidade e seus ritos de passagem não são novidades como um dado social. Goethe, autor de um dos mais conhecidos romances de formação da literatura ocidental, narra a própria experiência nessa transição em cartas sobre sua viagem à Itália. Para a burguesia daquele momento histórico, a viagem realizada pelo autor alemão representava o rito de passagem para a maturidade:

Quando em setembro de 1786, Goethe se dirige ao Sul, sem outro preparo a não ser a sua perspectiva, ele cumpre um programa cujos elementos característicos tinham se fixado há tempos na Europa. A viagem é então concebida como uma prova obrigatória pela qual uma educação se completa, e içada ao nível das exigências da vida de um homem. Na viagem, ao sair da “escola”, o intelecto deve verificar seu senso prático aplicando os conhecimentos adquiridos às circunstâncias, o espírito deve se desembaraçar das amarras da rotina e dos livros e, aprendendo a ver a natureza e os homens, atingir as condições de sua liberdade (BESSE, 2014, p. 43).

Há uma forma social dessa transição que está, em alguma medida, correlacionada ao enredo de Wilhelm Meister. A base material histórica concreta se adensa como estofado do tecido estético na composição do romance de formação na correlação das ideias de viagem e de aprendizagem. O autor encontra anteriormente a experiência no mundo, processa seus sentidos em visão estética e a transforma em objeto literário pelos instrumentos próprios desse gênero de escrita.

Retomando a questão do romance de formação na obra de Solano, a reflexão sobre a obra alemã aponta para a existência de uma forma social específica que pode engendrar a produtividade de obras desse gênero. Este artigo, por suas dimensões ou por seu esforço analítico, não dará conta da complexidade desse problema. Todavia, na ausência de um debate anterior, parece oportuno levantar alguma hipótese que efetive a problematização da realidade conforme se apresenta.

A ideia do período inicial da juventude retoma ao século 19 como momento subjetivo de passagem da dependência da família para as próprias experiências. No entanto, na atualidade, ao contrário, há acentuada dificuldade em se estabelecer projetos de futuro, o que é perpassado pelo acirramento do desenvolvimento de tecnologias, submetendo os jovens às mudanças aceleradas. Há uma imersão na atividade de consumo e de referenciais rápidos e pouco consistentes, centrada na posse de objetos como realização de potencialidades do sujeito e no presente como tempo referência. (COUTINHO, 2009). Nesse contexto, é possível – é uma hipótese a ser estudada futuramente – que a forma estética da formação do herói no romance seja tão produtiva por expressar enquanto signo a experiência ordenada ausente para seu público. Retomando a ideia de Colomer (2003), as mudanças sociológicas e os pressupostos axiológicos pelos quais atualmente a juventude vem passando tornam os referentes de gerações anteriores excessivamente desgastados. Assim, é possível pensar em uma forma social de uma juventude líquida (BUNGENSTAB, 2014) para a qual a forma literária do *O espadachim de carvão* possa ordenar e referenciar experiências até então dispersas, como uma demanda por atribuir sentidos mais sólidos à reprodução da vida cotidiana. Em termos do cronotopo bakhtiniano, reestabelece a causalidade da vida ao tratar o presente como resultado da formação do passado, pressuposto para o planejamento de futuro.

A hipótese levantada anteriormente, aliás, reforça a proposição de Antonio Candido, para quem a literatura deveria ser compreendida com direito incompreensível. A literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 2011, p. 171). A palavra organizada na obra literária pode ser condutora da organização da consciência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação dos alunos com um gênero literário popular pode ser um importante incentivo ao hábito da leitura. Visto que, com o acesso a tantos meios de comunicação e informação, a literatura tem ficado escamoteada, sendo preterida por

outras atividades. Além disso, a possibilidade de acesso à obra em bibliotecas escolares a partir da distribuição pelo PNL D Literário aponta para a pertinência desse estudo.

A relação direta entre *O Espadachim de Carvão* e o ambiente da internet permite o surgimento de diferentes possibilidades de trabalho com a obra, considerando, conforme apresentado, a convergência de teorias e os sentidos construídos a partir de uma leitura reflexiva. Firma-se, para tanto, a relação entre constituintes da tradição literária e o livro pertencente à literatura contemporânea.

Os acontecimentos vivenciados pelo espadachim enquadram-se naquilo que Lukács (2000) apresenta como traços humanos: há um descompasso a ser equilibrado ao longo da narrativa com o desenvolvimento da relação entre o interior da personagem e o mundo exterior.

As metáforas e as analogias desenvolvidas por Frye (1973) permitem que aproximemos as cenas de dificuldades enfrentadas por *Adapak* e o caminho de superação trilhado até a completa formação do herói.

A reconstrução para compor a imagem do herói apresentada aos leitores permite que a narrativa de Solano também possa ser caracterizada, segundo Bakhtin (2003), como um romance aventuresco. Ao mesmo tempo, uma das alegorias presentes na obra aponta para a atual dificuldade de se estabelecerem parâmetros a serem referenciados pela juventude acerca de experiências muitas vezes não consolidadas devido a vertiginosas mudanças no cotidiano.

Por fim, espera-se que este trabalho possa contribuir tanto com a divulgação da produção atual de autores nacionais, quanto para o incentivo à leitura para os jovens da faixa etária correspondente àquela indicada nos documentos oficiais como adequada para ler o romance analisado.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Trad. Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia Digital do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2018 – Literário**. Brasília: MEC/SEB, 2018.
- BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. Zygmunt Bauman: da juventude sólida para a juventude líquida. **Cadernos Zygmunt Bauman**, [S.l.], v. 4, n. 8, 2014. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/2758>. Acesso em: 17 jun. 2023.

- CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.
- COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- COUTINHO, Luciana Gageiro. **Adolescência e errância: destinos do laço social no contemporâneo**. Coutinho, Luciana Gageiro. Rio de Janeiro: Nau/FAPERJ, 2009.
- KNOLSEISEN, Rodrigo Thaler. **Livros Digitais: Criando maior valor através de recursos interativos e multimídia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Design). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 99, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/164595>. Acesso em: 02 jun. 2016.
- LEYA BRASIL. **O Espadachim de Carvão**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IM89Z7vzrWs&feature=youtu.be>. Acesso em: 27 jul. 2019.
- MATANGRANO, Bruno Anselmi; TAVARES, Enéias. **Fantástico brasileiro: o insólito literário do romantismo ao fantasismo**. Curitiba: Arte & Letra, 2019.
- MINDMINERS. **Estudo original: Dia do Orgulho Geek 2018**. Disponível em: <https://mindminers.com/blog/dia-do-orgulho-geek-2018/>. Acesso em 23 mai. 2023.
- PALIS, Rodolfo Bocardo; RUFINO, Hugo Leonardo Pereira. Aquisição da leitura e da escrita com a utilização de *games*. **Cadernos do CNLF**, v. XX, n. 11: Redação ou Produção Textual, Rio de Janeiro, CiFEFil, 2016. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xx\\_cnlf/cnlf/cnlf\\_11/\\_CNLF\\_XX\\_11.pdf#page=101](http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_11/_CNLF_XX_11.pdf#page=101). Acesso em: 02 jun. 2023.
- SOLANO, Affonso. **O Espadachim de Carvão**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.
- TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Modalidades de pesquisa em Educação. In: TOZONI-REIS, Marília. **Metodologia da Pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2009.

#### SOBRE OS AUTORES

**Bárbara Nascimento Ribeiro** é professora da rede municipal de Campos dos Goytacazes e da rede privada de ensino. Licenciada em Letras Português/Literaturas pelo Instituto Federal Fluminense Campus Campos Centro; Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal Fluminense Campus Campos Guarus. Foi residente no Programa de Residência Pedagógica da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (2018-2020).

*E-mail:* babnribeiro@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5095-7144>.

**Felipe Gonçalves Figueira** é professor do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DEBASI/INES). É doutor em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação de Estudos Literários/UFF (2018). Possui graduação pela Faculdade

Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008), graduação pelo Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (2013) e mestrado em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (2011). Foi professor de Ensino e Tecnologias (2018-2021) do Instituto Federal Fluminense (CASJB/IFF). Tem experiência na área de Letras e de formação continuada de educadores.

*E-mail:* babnribeiro@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0412-6001>.

*Recebido em 11 de junho de 2023 e aprovado em 27 de setembro de 2023.*